

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V — Número 1.459

Terça-feira, 28 de Agosto de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS



Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Os quadros tipográficos dos jornais que se encontram em greve, retificando a sua primeira deliberação, resolvem com entusiasmo que «A Batalha» voltasse a publicar-se a fim de bem orientar e dar força ao movimento grevista, desfazer as atoandas burguesas e levar à província um noticiário sólido acerca do que se passa em Lisboa no que respeita ao problema do pão.

O PROTESTO DO PVO INTENSIFICA-SE!

Não obstante a propaganda defectista dos jornais, órgãos da Moagem, as classes trabalhadoras teem-se afirmado dispostas a não consentir que vá por diante o exagerado aumento do custo do pão.

Ontem, mais classes aderiram à greve, verificando-se a paralisação do tráfego marítimo, alguns transportes de terra, construção civil, metalúrgicos, mobiliários, fabricantes de calçado, gráficos, pessoal do Matadouro, corticeiros, têxteis, tanoeiros e outras.

De algumas classes, como pessoal dos eléctricos, pessoal de várias fábricas e ferroviários uma parte abandonou os serviços; outras ainda, como o pessoal dos correios e telégrafos e funcionalismo público, dão a sua adesão moral ao movimento.

Dos arredores de Lisboa, no Barreiro, Amadora, Seixal e Almada, a paralisação é absoluta, esperando-se que, em breve, outras localidades se pronunciem.

Serão estes os desordeiros a que alude a imprensa mercenária, servidora do governo e da Moagem?

Pois bem. O povo de Lisboa e arredores, está em desordem contra a ordem de roubar que o governo concedeu à Moagem!

Do governo, o ministro da Agricultura foge cobardemente e o presidente do ministério nega-se a atender uma representante do povo consumidor.

Caíu a máscara! O chamado governo do povo, traíu o povo!

Resta que o povo continue lutando para defender o pão dos seus filhos!

Queremos, e podem-nos ceder, pão de trigo bom, para todo o país, a 1\$20!

E' esta a vontade do povo, sem prejuízo para o Estado!

O PROTESTO DOS CONSUMIDORES

O GOVERNO E A MOAGEM CONTRA A POPULAÇÃO

A atitude do ministro da Agricultura e a especulação dos jornais do potentado moageiro

Têm-se afirmado, quer da parte do governo quer nas colunas vadias dalguns arremedos de jornais, pálios e grotescos reflexos dos jornais feitos em circunstâncias normais, que a greve foi declarada pela C. G. T. e pelo U. S. O. E' falso. Quem declarou a greve foram os consumidores que em massa acorreram à reunião convocada pela U. S. O. Não se supõe que temos receio de responsabilidades. Essa suposição só pode partir de criaturas que totalmente desconheçam a afeição com que sempre dentro da organização operária, mesmo nos períodos mais graves da vida social se tem enfrentando todas as situações, sem as recuar por maior que seja o perigo. Mas, não existe também a bravata dos que querem arrogar o que não fizemos. Por isso, repetimos, o que afirmamos, que a greve não foi por nós declarada, mas pelos consumidores.

O presidente do ministério diz que não receberá a comissão sem que os operários retomen o trabalho.

Argumento miserável este.

A macaqueação da atitude de certos industriais — eis no que ele consiste. Dir-se-ia que o governo era o patrão de todos os grevistas e que a greve se dera por reclamações de aumento de salário.

Se o governo se recusa a resolver a magna questão do pão, por existir o menor preparação.

A paralisação obedeciu espontaneamente ao sentimento dos trabalhadores, foi directamente proclamada pela indignação que o decreto do ministro da Agricultura suscitou.

Podem, dizer, os que defendem, hipócritamente, a Moagem, e o governo que nitidamente a favoreceu, que foram os agitadores profissionais que determinaram a greve na cidade que se alastrou até aos arredores que atingiu Cascais, que estalou no Barreiro, Seixal, Almada e Amadora.

O movimento é popular. A população que trabalha está contra a moagem que a explora e contra o ministro da Agricultura que, numa decisão rápida, autorizou o aumento do pão.

Ninguém que vive exclusivamente do seu trabalho está no lado Moagem e do governo. Onde estão as simpatias, a corrente de opinião, favorecendo o chefe dum governo feito de farrapos,

do ocaso das intrigas, do lixo da vassoura, das combinações torpes dum partidarismo político que depois de estar em falência arroja para um abismo.

Toda a atitude do governo se resume num true para liquidar o movimento e impôr à população os três tipos.

O ministro da Agricultura depois de ter lançado a população no desespero, afastou-se da capital.

Antes de abandonar o Terreiro do Paço declarou insolentemente que não

recebia a comissão que o procurava para estabelecer as bases dum acordo que permitindo a cessação da greve, salvaguardasse os interesses dos consumidores.

O presidente do ministério diz que

o não receberá a comissão sem que os

operários retomen o trabalho,

Argumento miserável este.

A macaqueação da atitude de certos

industriais — eis no que ele consiste.

Dir-se-ia que o governo era o patrão de

todos os grevistas e que a greve se

dera por reclamações de aumento de

salário.

Se o governo se recusa a resolver a

magna questão do pão, por existir o

menor preparação.

A paralisação obedeceu espontaneamente

ao sentimento dos trabalhadores, foi

directamente proclamada pela indignação

que o decreto do ministro da Agricul-

tura suscitou.

Podem, dizer, os que defendem, hipócritamente, a Moagem, e o governo

que nitidamente a favoreceu, que foram

os agitadores profissionais que deter-

ninham a greve na cidade que se

alastrou até aos arredores que atingiu

Cascais, que estalou no Barreiro, Sei-

xal, Almada e Amadora.

O movimento é popular. A popula-

ção que trabalha está contra a moagem

que a explora e contra o ministro da

Agricultura que, numa decisão rápida,

autorizou o aumento do pão.

Ninguém que vive exclusivamente do

seu trabalho está no lado Moagem e

do governo. Onde estão as simpatias, a

corrente de opinião, favorecendo o

chefe dum governo feito de farrapo-

s, do ocaso das intrigas, do lixo da vas-

soura, das combinações torpes dum

partidarismo político que depois de

estar em falência arroja para um abis-

mo.

A população reclama o que a orga-

nização operária também reclama e o

simples bom senso aconselha: o tipo

único de pão.

Se o governo não atende a população

é porque não quer. E foi o governo

que o prejudicou, quem provocou o

movimento de revolta contra os ladões encasados da

moagem.

A BATALHA

As razões do seu reaparecimento

A Batalha reaparece hoje. Esteve suspensa em virtude da greve geral. Não significa a sua reaparição que a greve geral finalisasse, pois exatamente ela reaparece no momento em que o movimento se intensifica, em que o número elevadíssimo dos grevistas é acrescido por novos e exponíveis reforços. E' que a suspensão da Batalha foi determinada pela resolução da classe gráfica que entendia não fazer sentido a saída do jornal numa ocasião, como esta, em que todos os gráficos estavam em greve.

Porém, alguns jornais conseguiram sair: uns feitos por amarelos, outros mistificando o público, pois só de jornais tinham aparência — e uma grossa aparente.

Esses jornais, dos quais os de maior circulação são propriedade da Moagem, surgiram numa atitude de hostilidade combatendo o movimento e tecendo em seu torno várias versões destinadas a prejudicá-lo, enfraquecendo-o. Nesses jornais dirigiam-se acusações infundadas ao movimento e à organização operária.

Não fazia sentido que A Batalha não voltasse a ocupar o seu lugar vindo desfazendo as mentirosas invenções arquitetadas nesses jornais. Assim o entendeu a classe gráfica. Outra coisa dela não era a esperar, pois A Batalha é neste momento de luta necessária para desempenhar o vasto e importante papel que lhe cabe.

Anteontem uma comissão desse Secretariado avistou-se com o chefe do distrito sobre a infame situação em que se encontram os presos do cabouço n.º 5 do governo civil onde se juntam 32 presos, sem um vislumbre de humana dignidade para com a vida dos

indivíduos, dando ocasião a manifestações de insolação, o que causou um certo passo ao referido chefe do distrito que ignorava tal estado de coisas.

Esperamos que de futuro esta questão dos presos seja tratada por parte das autoridades com a atenção que o caso require.

Prisões arbitrárias

Pela P. S. E. foram presos: César de Castro, serralheiro, morador na rua do Sol à Graça, e a quem a polícia acusa de bombista, e Mário da Silva, enviado da União dos Sindicatos Operários do Porto, que veio a Lisboa com

um credencial para a C. G. T.

dos operários daquela cidade.

Quinze operários do matadouro abateram ontem, na dispensa do Hospital de S. José, 4 bois e 5 carneiros, para consumo dos hospitais civis, serviço que se prontificaram a fazer, gratuitamente, para que os doentes não ficassem privados dum alimento que tanta influência exerce, em muitos casos, na eficácia do seu tratamento.

Que ponham nesse belo gesto os olhos, os meliantes que, na imprensa, a sólido dos vários povos do capitalismo, não cansam na odiosa faina de caluniar.

que nobremente, se lançaram num movimento de revolta contra os ladões encasados da

moagem.

Não pode ser! A manifestação

que se vem produzindo é claramente a demonstração de que fa-

lou a crença nas promessas dos

messias trampolíneiros e que só

do seu esforço próprio o povo tem

a esperar. E' a demonstração ca-

bal de que a organização opera-

ria é a única força moral que se

alevanta neste pútrido lodaçal em

que o país mergulhou.

Este comité constata neste agudo momento o faciosismo com que

a imprensa burguesa encara as

questões operárias, atribuindo aos

trabalhadores quando reclamam

mais aumento de salário a culpa

do caos económico em que o país

se debate e aconselhando erocida-

mente a que todos contribuam para a baixa do custo da vida e consequente melhoria cam-

bial.

E' agora, quando a descrença

nos aumentos de salário faz que

reclamemos a baixa do custo do

pão, como inicio para evitarmos

um próximo aumento do custo de

tudo o indispensável à vida, que

a mesma imprensa vem atacar-nos

acusando-nos de perturbadores,

de inimigos do país.

Não se que o potente moageiro

é prodigo com o dinheiro ar-

rancado ao povo, produto do en-

venenamento e carestia do pão!

